

O jovem Torquato Neto engendrado nas ciladas da linguagem.

Edwar de Alencar Castelo Branco*

A chuva fustiga os vitrais da janela enquanto “Os últimos dias de paupéria” repousa sobre a mesinha de cabeceira. Entre a memória do livro e a sensação da chuva pode-se imaginar o jovem e apressado Torquato Neto em uma noite qualquer do início dos anos de 1970, sob o peso cinza e ofuscante da ditadura militar brasileira. Certamente não lhe importam os rojões que espoucam a frenética empolgação dos brasileiros frente à conquista do tri-campeonato mundial de futebol. Ele se mantém embebido em sua prática escritural, fazendo múltiplas experimentações na possibilidade infinita de afastar-se do então nomeado e objetivado movimento tropicalista.

A sua guerrilha contra as formas de significação então dominantes não estava, àquela época, acabada. Não poderia acabar. E na coexistência dessa luta contra as forças que conjuravam tudo que havia de desafiador e subversivo no tropicalismo, crescia sua suspeita em torno dos perigos da linguagem e sua relação com a morte e a loucura tornava-se mais estreita (CASTELO BRANCO, 2002, p.16). Isso porque, ao seu modo, Torquato Neto parecia vislumbrar que a linguagem é “*produto de uma estrutura funcional e pragmática ligada a arranjos sociais de poder e de desejo, a máquinas de Estado, de técnicas e de guerra.*” (GUALANDI, 2003, P.119) E no mesmo processo de suspeição havia o seu desejo de manter sua vida ligada à arte como forma de verdadeira experimentação e contra-efetuação do real em relação às forças que o organizam e normalizam. Por isso Torquato fez de sua guerrilha contra a linguagem uma luta política, de resistência, na medida em que percebia que “verdades universais” como a religião, o Estado, o capitalismo, a ciência, o direito, a opinião “*não se contentam em ser exteriores, mas passam por cada um de nós*” (DELEUZE, 1992, P.09).

Em seus escritos pós-tropicalistas surgem miríades de referências à ilusão de uma correspondência isomorfa “*entre as proposições e os estados de coisas, entre os nomes e as substâncias, entre os predicados e as qualidades*”. (GUALANDI, 2003, p. 119) Na sua produção cada vez mais visceral a palavra se apresenta em sua materialidade como

* Doutor em História, é professor na UFPI.

algo a ser destruído e superado por filmes introspectivos e experimentais. Tal como White, ele inquiria: “*Como podemos estar certos de que as palavras designam realmente as coisas que devem significar?*” (WHITE, 1994, p. 273).

Mas se a linguagem é também índice das relações de forças que perpassam as configurações sociais e políticas, é a própria micropolítica de Torquato que desafia “*o coro dos contentes*” (TORQUATO NETO, 2004, P.131). É ao som desta anti-sinfonia que o poeta cantarola sua suspeição em relação à linguagem: “*No principio era o Verbo, existimos a partir da linguagem, saca? Linguagem em crise igual a cultura e/ou civilização em crise- e não o reflexo da derrocada. O apocalipse, aqui será uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. Salve-se quem puder*” (TORQUATO NETO, 2004, p.311). O jovem Torquato, implicado nas ciladas da linguagem, percebe que toda estrutura semiótica nos impõe as formas de sujeito e objeto na disposição dos lugares de fala e poder, identificando o indivíduo dentro do espaço social. E foram os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari quem nos colocou o problema da linguagem e de sua relação com o poder de forma radical e singular. Para esses pensadores a linguagem não pode ser definida por sua tarefa de significar e informar, mas por traçar coordenadas semióticas (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, etc.) sob a forma de palavras de ordem a serem emitidas e recebidas. As palavras de ordem não são algo a ser acrescentadas à linguagem (como o imperativo), mas sua consequência interior: “*A linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer.*” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.12) É a partir das palavras de ordem, que são atos de fala imanentes ligados à uma obrigação social, que nasce politicamente a Maioria como modelo ou padrão que supõe um estado de poder e dominação. E no tenebroso momento histórico em que Torquato Neto viveu não é difícil identificar o Cidadão-normal-patriota-branco-masculino habitante das cidades que aparece na micrologia do cotidiano no Brasil da ditadura militar. Vendo desse ponto, podemos entender a experimentação poética de Torquato Neto nas diversas artes como sua tentativa de buscar um devir-menor, sua “*contra-linguagem*” (CASTELO BRANCO, 2002, p.14). Por que “*aquém estão os devires que escapam ao controle, as minorias que não param de ressuscitar e resistir.*” (DELEUZE, 1992, 190)

É então nesse perpétuo ato de criação que Torquato Neto busca articular até os últimos dias de sua vida, como tantos outros artistas marginais do período, sua linha de

fuga contra os estratos que atravessam os sujeitos: o organismo, a significância e a subjetivação. Sobre esses estratos e seu apossamento sobre nós Deleuze e Guattari nos advertem: *“Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo - senão será depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado - senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado - senão você será um vagabundo”*. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.22). Envolto nessa nuvem espessa, marcada por autoritarismo, ausência de liberdade, captura e controle social, Torquato Neto e muitos de seus contemporâneos buscariam criar para si corpos-sem-órgãos, na ânsia de debaterem-se contra as hierarquias dominantes, as formas, as funções, as *“transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”* (Ibidem, p.21). E essa busca pelo anti-organismo era *“uma das marcas dos anos sessenta, quando jovens sujeitos elaborarão uma linguagem que se proporá nova não apenas em termos de ser ‘diferente’, mas no sentido de subverter as relações da palavra com as imagens e os objetos”*. (CASTELO BRANCO, 2005, p.72)

Nesse embate entre o organismo e o seu outro, Torquato Neto levou às últimas conseqüências a sua luta contra as palavras inutilizadas, as quais para ele eram palavras mortas que, por sua falência, ajudariam a *“linguagem de ontem [a impor] a ordem de hoje”* (TORQUATO NETO, 2004, p.312). Esse exercício de experimentação radical de limite, por sua vez, conduziria o poeta ao extremo de estreitar, constantemente, seu contato com a loucura e com a morte. Era quando se aproximava de sujeições como a do personagem fúnebre de Samuel Beckett, na obra *Malone Morre*, que espera sua morte iminente aterrissando, pela escrita, em algum lugar vazio: *“meus dedos também escrevem em outras latitudes, e o ar que respiro através do meu caderno e lhe vira as páginas sem que eu perceba, quando caio no sono, de maneira que o sujeito cai longe do verbo e o objeto aterrissa em algum lugar no vazio, não é o ar desta penúltima morada, ainda bem.”* (BECKETT, 2004, p.77-78) Esse lugar do vazio, onde a incomunicabilidade e a solidão espreitam Torquato Neto, é fruto de sua tentativa de furtar-se à linguagem. O marginal e herói Torquato Neto queria que a coisa mesma, referente em si, desnudada sem trajetos e sem interferências se apresentasse a ele, que desejava a imagem nua e crua que vem das ruas. É daí, desse ponto, que o poeta, desconfiado das palavras, converge para o cinema udigrudi. Curiosamente, é de sua

coluna Geléia Geral, que mantinha no jornal Última Hora carioca e da qual saltitavam palavras em algazarra, que ele começa a defender os filmes experimentais como a última fronteira da linguagem, pois, para além dessa, “o cinema TEM QUE SER” (TORQUATO NETO, 2004, p.302). O alvo de suas críticas é o então institucionalizado Cinema Novo, monumentalizado na figura de Glauber Rocha, seu principal expoente. E o jornal Última Hora é sua articulação para “ocupar espaço”, ocupar as brechas (Ibidem, p.286) para manter seu espaço liso habitado por qualidades táteis e sonoras, intensidades, afectos, trajetos e forças de um nômade que era; isso para resistir ao espaço estriado do Estado sedentário determinado, marcado e organizado por linhas coercitivas. (DELEUZE & GAUTTARI, 1997, p. 179-214) Em um caminho análogo, guardado as proporções de diferença, à de Antonin Artaud no Teatro da Crueldade, Torquato buscava questionar a “*linguagem da palavra*” como meio de expressão, “*questionar se está responde a todas as necessidades orgânicas da vida.*” (ARTAUD, 2006, p.73).

A maneira como o poeta se move na intuição de criar um cinema liberto e experimental ocorre justamente na implosão da linguagem enquanto palavra, para alcançar o real em sua pureza original. Os roteiros de seus experimentos nos filmes como “*Terror na Vermelha*” e “*Adão e Eva do Paraíso ao consumo*” se dão justamente nessa direção construídos que estão sob a forma fragmentária e poética (TORQUATO NETO, 2004, p.193-205). Mas o que Torquato Neto experimenta é a mudez de quem explode a linguagem, a desarticulação absoluta do corpo-sem-orgãos, a profunda aniquilação pela linha de fuga, ou a morte. Desse modo ele chega a escrever: “(...) o louco não será o indivíduo que percebeu a linguagem no bloco das suas possibilidades, ou melhor da sua totalidade POSSÍVEL e portanto ‘enlouqueceu’, ou seja emudece e em seguida morre, como castigo?” (Ibidem, p. 301) Eis por que a prudência anunciada por Deleuze e Guattari contra uma desterritorialização abrupta (DELEUZE & GAUTTARI, 1996, p. 23-24). A morte de Torquato Neto foi interpretada de maneiras diversas se encaminhado por veredas que vão desde a psicologização à condenação de toda uma geração de artistas, como fez o cineasta Glauber Rocha: “*clímax da babaquice ripista anarcovisionária, subproduto imperialista nos trópicos*” (ROCHA apud CASTELO BRANCO, 2005, p. 225) Em partes isso advém de que para diversos intérpretes, do período da ditadura militar brasileira, a morte é um ponto culminante e

não uma linha coextensiva à vida, plural, violenta, no qual é preciso lutar e transpor até que ela acabe.(DELEUZE, 1992, p.139-140). Mas isso se torna ainda mais complexo por que se já foi notado que existe nesse momento histórico uma “*fragilização dos limites entre vida e obra*” (BUARQUE DE HOLANDA & PEREIRA, 1982, p.54), a captação dessa radicalidade parece parar nesse ponto. É necessário então enxergar que: “*A tentativa de quebrar a linguagem, resultou em abalo - quando não em destruição de seus mundo -, pois quando colocamos a linguagem sob suspeição, é de nosso próprio mundo que suspeitamos.*” (CASTELO BRANCO, 2005, p.220) Torquato Neto viu “*que só no delírio pode encontrar a saída para os estrangulamentos que a vida lhe prepara*” (ARTAUD, 2006, p.267). Buscando um movimento que “*arrasta a língua para fora de seus sucos costumeiros, leva-a a delirar*” (DELEUZE,1997,p. 9) E nesse movimento corremos o risco de encontrar a morte e a loucura na busca de novas possibilidades de vida. Em Torquato não há por que encontrar o sintoma de uma doença que teria levado o poeta à morte, mas vislumbrar uma vida que transbordava, que ia muito além do dizível, do enunciável, mas que era necessário arrastar para luz artisticamente. E foi um outro artista, o anárquico Antonin Artaud, que entendeu o suicídio sob a perspectiva caótica e estética. Pois para ele o artista não comete suicídio como que por um ato voluntarioso de desespero doentio e decadente, mas antes por ter uma vida em jorro pleno e, portanto, contrário a essa “*sociedade absolvida, consagrada, santificada e possessa*” (ARTAUD, 2006, p.262). Para Artaud o artista é suicidado pela sociedade. Isso somado à sua luta por novas linguagens, por uma vida exercida na experiência.

E naquela madrugada de novembro de 1972, após dias antes progressivamente destruir seus escritos e por fim sua máquina de escrever, Torquato Neto lança seu corpo no abismo do inominável: a morte. Para ele a guerrilha não poderia acabar, mesmo que com um ato extremo.

BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, Antonin. *Linguagem e Vida*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BEZERRA, Feliciano. *A escritura de Torquato Neto*. São Paulo: Publisher Brasil, 2004.
- BECKETT, Samuel. *Malone morre*. São Paulo: Códex, 2004.
- BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa & PEREIRA, Carlos Alberto M. *Poesia Jovem Anos 70*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Destruir a Linguagem e explodir com ela: a experiência do cinema marginal em Torquato Neto*. IN: Scientia et Spes, Ano I, Teresina, ICF, 2002.

_____. *Todos os Dias de Paupéria*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *Desfamiliarizar e solapar sua certeza: receitas de Michel Foucault para uma escrita subversiva da história*. IN: NASCIMENTO, F. Alcides & PINHEIRO, A. Paz. *Historias: cultura, sociedade, cidade*. Recife: Bagaço, 2006.

_____ & MONTEIRO, J. Honório. *Fotogramas Táticos: O cinema marginal e suas táticas frente às formas dominantes de pensamento*. IN: VAINFAS, R. & NASCIMENTO, F. Alcides. *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Critica e Clinica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. *Do esquizofrênico e da menina*. IN: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (vol. 02). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (vol. 03). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (vol. 05). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GUALANDI, Alberto. *Deleuze*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

KRUEL, Kenard. *Torquato ou a Carne Seca é servida*. Teresina: Halley, 2001.

QUEIROZ, Teresinha. *Juventude anos sessenta no Brasil: Modos e Modas*. IN: *Do Singular ao Plural*. Recife: Bagaço, 2006.

TORQUATO NETO. *Torquatália: do Lado de Dentro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.